

TRABALHO E ESPAÇO: UMA ANÁLISE FUNDAMENTADA NA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL

Ramon Torres Guedes¹
Eugênio Alves Cardoso²
Emanoel Rodrigues Almeida³
Camila Mourão Borges⁴

RESUMO

O trabalho, enquanto atividade fundante do ser social, exerce centralidade na gênese e no desenvolvimento do espaço. Sob essa ótica, o texto tem como objetivo ampliar as discussões sobre a ontologia do espaço, apresentando como as técnicas, fundadas pelo trabalho, transformaram o espaço natural em espaço geográfico. Esse campo evidencia que o ser social, mediado pelas objetivações do trabalho, consegue romper com a base ontológica orgânica e produzir algo novo e essencialmente social, capaz de gerar riquezas materiais que não são dadas diretamente pelo meio natural. Assim, entende-se que a mediação do trabalho foi responsável pelo desenvolvimento do espaço geográfico enquanto um conjunto indissociável de objetos naturais, sociais e técnicos que se relacionam com a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Espaço. Técnica.

LABOR AND SPACE: AN ANALYSIS BASED ON THE ONTOLOGY OF SOCIAL BEING

ABSTRACT

Labor, as the foundational activity of the social being, plays a central role in the genesis and development of space. From this perspective, the text aims to broaden discussions on the ontology of space by demonstrating how techniques—rooted in labor—transformed natural space into geographic space. This field highlights how the social being, mediated by the objectifications of labor, is able to break away from the organic ontological basis and produce something new and essentially social, capable of generating material wealth not directly provided by the natural environment. Thus, the

¹ Mestrando em ensino e formação docente pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará -IFCE, Professor da rede pública municipal de Fortaleza. email: prof.ramontorres@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-7080-0350> Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0278812682063810>

² Mestre em ensino e formação docente pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará -IFCE, Professor da rede pública municipal de Fortaleza. e-mail: genioalves2010@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5496-9939> Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7629058280867262> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8706541320278258>

³ Doutor em educação pela Universidade Federal do Ceará, professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE email: emanoel.almeida@ifce.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9787-0851>

⁴ Mestranda em ensino e formação docente pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará -IFCE, Professor da rede pública municipal de Fortaleza. e-mail: borgescj.238@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-9717-7007> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0375198512221363>

mediation of labor is understood to be responsible for the development of geographic space as an inseparable set of natural, social, and technical objects that interact with society.

KEYWORDS: Labor. Space. Technique.

INTRODUÇÃO

O trabalho, atividade que funda o gênero humano, exerce papel de destaque na literatura marxiana. É por meio do desenvolvimento dessa atividade que o ser social idealiza e externa ao mundo seus objetos, visando à transformação da natureza para atender às necessidades básicas de sobrevivência que não são dadas diretamente. Nessa perspectiva, o trabalho mantém a continuidade da base orgânica que constitui o ser e, ao mesmo tempo, proporciona sua descontinuidade, pois possibilita a existência do ser social.

É a partir do trabalho que o homem desenvolve uma forma específica de relação com o meio natural. O ser social, dotado de prévia-idealização, objetiva instrumentos e técnicas previamente idealizadas em sua consciência, utilizando os recursos disponibilizados pela natureza por meio da causalidade. Ao exteriorizar seus objetos, o ser social, ao mesmo tempo em que transforma a natureza, também se transforma, produzindo, assim, um novo espaço. Esse processo distingue qualitativamente a atividade humana das determinações instintivas próprias do ser orgânico, uma vez que rompe com a processualidade muda da natureza e passa a produzir o novo, algo essencialmente social.

Essas mediações permitem que o trabalho dê origem às técnicas e, por meio delas, os homens organizam os diferentes modos de produção social, tornando o espaço, antes exclusivamente natural, progressivamente mais humanizado. Essa transformação do espaço, resulta da ação consciente do homem e de suas relações sociais com o trabalho, ao longo de cada período histórico. Assim, depreende-se que esta atividade exerce papel central no processo de reprodução social, permitindo compreender o espaço como produto social que está atrelado às técnicas, aos modos de produção e às formas históricas de organização da sociedade.

Dessa forma, este artigo tem por objetivo analisar o papel ontológico do trabalho na constituição do ser social e na produção do espaço, destacando a importância das técnicas na mediação entre homem e meio. Para tanto, parte-se das

contribuições de autores fundamentados na ontologia marxiana, como Lukács (2024) e Lessa (2012), e de autores da geografia crítica, como Santos (2006, 2014) e Moreira (2007), buscando evidenciar como o desenvolvimento histórico do trabalho e das técnicas possibilitou a transformação do meio natural, resultando em novas configurações espaciais.

Para alcançar o objetivo central, o presente estudo adota a ontologia do ser social como percurso metodológico. Tonet afirma que “[...] a ontologia é o estudo do ser, isto é, a apreensão das determinações mais gerais e essenciais daquilo que existe”, (2018, p. 12). Para o autor, no estudo ontológico, a pergunta sobre como conhecer a realidade, vem precedida da pergunta: o que é a realidade? Ora, se a realidade é resultado da ação humana, importa-nos, primeiramente, compreender o ato que humaniza o homem, ou seja, o trabalho, para que possamos, enfim, empreender conhecimento sobre o objeto de estudo. Essa escolha fundamenta-se no entendimento de que esse caminho teórico-metodológico é o mais adequado para desvelar o objeto, para além do que está posto em sua aparência imediata.

TRABALHO: CATEGORIA FUNDANTE DO SER SOCIAL

O trabalho é a atividade desenvolvida pelo ser social, que transforma e se apropria da natureza para a produção dos bens essenciais à sua sobrevivência. A partir da sua mediação, ocorre a passagem do ser orgânico ao ser social, o que Lukács (2024) denomina salto ontológico. Esse momento, resultado de alterações qualitativas no ser, proporciona a elevação dos indivíduos a patamares mais elevados, o que resulta em seu afastamento das determinações naturais, tornando-o ser social.

Dessa forma, o trabalho “[...] cumpre a função social de realizar o intercâmbio material do homem com a natureza, é o conjunto de relações sociais encarregado da reprodução da base material da sociedade”, (Lessa, 2012, p. 28). Essa atividade é central para o desenvolvimento dos demais complexos sociais que caracterizam o ser social.

Vale ressaltar que o trabalho não elimina a existência da base orgânica. O que se desenvolve a partir do ser social é um processo de continuidade e descontinuidade do ser. Continuidade, pois mantém as características orgânicas e descontinuidade no sentido de que possibilita a existência do ser social. Um exemplo:

o braço continua como parte orgânica do corpo, mas a partir da produção do trabalho ele passa a exercer uma função social: produzir riqueza material, (Lessa, 2012).

O homem, membro ativo da sociedade, motor das suas transformações e dos seus avanços, permanece em sentido biológico ineliminavelmente um ente natural: em sentido biológico, a sua consciência — não obstante todas as mudanças de função mais decisivas no plano ontológico — está indissociavelmente ligada ao processo de reprodução biológica do seu corpo; dado o fato mais geral de tal ligação, a base biológica da vida permanece intacta também na sociedade (Lessa, 2016, p. 71).

No ser orgânico, as determinações são biológicas, a existência está condicionada ao natural. É uma “[...] processualidade muda (isto é, incapaz de se elevar à consciência do seu em-si) pode se consubstanciar numa incessante reprodução do mesmo”, (Lessa, 2016, p. 19). Diferente do ser social que, mediado pelas objetivações do trabalho, consegue romper com a base ontológica orgânica e produzir o novo, algo essencialmente social, capaz de produzir riquezas materiais que não são dadas diretamente pela natureza.

Nesse sentido, Lukács (2024) destaca a existência de três esferas ontológicas distintas. A inorgânica, nesta sempre a essência é a transformação muda em outro ser inorgânico. A orgânica, que também se caracteriza por ser muda e nela ocorre a mera reprodução da vida. E por fim, a esfera social, que se diferencia pela sua capacidade de produzir algo essencialmente novo, possibilitando a transformação do mundo de forma consciente e orientada, pelo pôr teleológico. Apesar de distintas, há uma relação intrínseca entre as esferas. A propriedade inorgânica possibilitou a existência do ser orgânico e deste surge o ser social. É uma relação processual e de interdependência, (Lessa, 2016).

O que caracteriza o ser orgânico é a sua relação instintiva com os objetos da natureza. A sua determinação biológica condiciona a mera reprodução da vida, por mais desenvolvido organicamente que seja aquele animal, não existe finalidade projetada em suas ações. Diferente do ser social, em que as suas ações romperam com a processualidade orgânica e saltaram barreiras naturais, mediadas pela atividade do trabalho, possibilitando a produção de bens essenciais à reprodução de sua existência, este foi o primeiro ato histórico dos homens e é a base objetiva vital dos seres humanos, (Almeida, 2017).

Durante o processo de produção dos bens essenciais à sua existência, primeiro, o homem idealiza na sua consciência as possíveis formas de se apropriar

dos recursos naturais que estão postos, e depois coloca em prática determinadas ações que foram planejadas por ele. Esse momento é chamado de prévia-ideação. Por ela “[...] as consequências da ação são antevistas na consciência, de tal maneira que o resultado é idealizado (ou seja, projetado na consciência) antes que seja construído na prática”, (Lessa, 2016, p. 28).

Ao idealizar objetos a partir dos recursos disponíveis pela natureza, como pedra, madeira e a pele de alguns animais, a fim de garantir sua sobrevivência, o ser social objetiva, o que estava somente em sua consciência. Por meio de instrumentos e técnicas, ele transforma a natureza, convertendo a causalidade dada, isto é, os recursos disponíveis na natureza, em causalidade posta. Ao construir objetos como machado, arco-flecha, vestimentas e abrigos, o ser social cria suas próprias condições de existência, que permitem o seu distanciamento das determinações naturais, dando significado social para cada objeto criado, transformando, inclusive, a forma de se relacionar com o ambiente. Nesse sentido, apesar da constituição natural desses objetos, a sua materialização possui caráter social. Sob essa ótica, Lukács (2024) afirma que:

Se apontamos como início à alimentação enquanto indispensável para a reprodução biológica de todos os seres humanos como seres vivos, podemos partir da famosa afirmação de Marx: »Fome é fome, mas a fome que se sacia com carne cozida, comida com garfo e faca, é uma fome diversa da fome que devora carne crua com mão, unha e dente.«^a Aqui é claramente enunciado o duplo aspecto da determinabilidade: o inexorável caráter ontológico da fome e sua satisfação, ao mesmo tempo, que todas as formas concretas desta última são, por último, funções do desenvolvimento socioeconômico. (Lukács, 2024, p. 129).

Esta diferenciação é o que possibilita distinguir o trabalho, atividade fundamentalmente social, guiada pelo pôr teleológico para atingir um fim, idealizado previamente em sua consciência, da determinação natural dos outros animais, que são condicionados pelos instintos para conseguir a sua reprodução. Isso os impossibilita de produzir algo diferente daquilo que já foi determinado.

Nessa perspectiva, a diferença entre a abelha e a formiga, em relação ao homem, é que as primeiras são determinadas geneticamente, e por isso, não servem como fundamento para o seu desenvolvimento. Elas sempre irão produzir da mesma forma que já produzem, e estão condicionadas a adaptar-se à natureza ou a perecer. Em contrapartida, o homem adquire a capacidade de superar o determinismo natural, e, diferente da abelha, cria as condições para a sua própria existência. Sua ação e o

resultado desta são sempre projetados na consciência antes de se concretizarem na prática; ou seja, a ação humana é dotada de teleologia. Essa capacidade de criar ideias, antes de objetivar é o que diferencia o homem dos demais seres da natureza. Essa antecipação na consciência que dirige a ação, chamamos de prévia-ideação, (Lessa; Tonet, 2011).

Sob esse contexto, destaca-se que “[...] Pela prévia-ideação, as consequências da ação são antevistas na consciência, de tal maneira que o resultado é idealizado (ou seja, projetado na consciência) antes que seja construído na prática”, (Lessa, 2016, p. 28). Essa característica garante ao ser social uma singularidade que não é apresentada por nenhum outro mamífero.

Vale destacar que as condições dadas pela natureza, ou seja, a causalidade dada, são essenciais para o processo de prévia-ideação. Para idealizar um instrumento de caça, as condições materiais precisam existir. Em outras palavras, só foi possível ao ser humano pensar, elaborar e executar a construção de um machado porque, naquele ambiente, existia disponibilidade de madeira e pedra ao seu redor. Lukács (2024) afirma que teleologia e causalidade, são exclusivas do ser social; ainda que pareçam opostas, unem-se no ato do trabalho:

a teleologia exclusivamente no trabalho como uma categoria realmente operante, segue-se inevitavelmente uma coexistência concreta, real e necessária de causalidade e teleologia; elas permanecem, de fato, opostas, mas apenas no interior de um processo real unitário cuja mobilidade está fundada na interação destes opostos, em que, para produzir essa interação como realidade, a causalidade, sem sua essência ser de qualquer modo tocada, do mesmo modo se transforma em posta, (Lukács, 2024, p17).

Nesse sentido, destaca-se o papel da causalidade, que é o momento em que o homem se utiliza dos recursos para produzir suas objetivações. Se as condições não existissem, o machado, no máximo, existiria no campo das ideias. “Essa relação dialética entre teleologia (isto é, projetar de forma ideal e prévia a finalidade de uma ação) e causalidade (os nexos causais do mundo objetivo) corresponde à essência do trabalho [...]”, (Lessa, 2016, p. 35).

A materialização da prévia-ideação, ou seja, o momento em que a causalidade dada é transformada em causalidade posta é a objetivação. A objetivação, em Lukács (2024) é o processo pelo qual o homem transforma aquilo que foi idealizado em um objeto material, transforma seu pensamento em algo real, concreto. Durante esse processo, tanto o meio é transformado pelo objeto como o seu

criador. Após a objetivação, o ser humano adquire novas habilidades e conhecimentos e que com isso passa-se a adquirir novas necessidades, (Lessa, 2016).

Dessa forma, evidencia-se que “Tal distinção entre o sujeito, portador da prévia-ideação, e o objeto criado no processo de objetivação, é o fundamento ontológico da exteriorização”, (Lessa, 2016, p. 30). Este é o processo em que o sujeito se transforma a partir da objetivação. É o momento de enriquecimento da humanidade, pois o objeto deixa de ser do seu criador e passa a pertencer ao acervo material da humanidade. Nessa perspectiva, tanto o objeto sofrerá mudanças a partir do contato de novas prévia-ideações de outros sujeitos, como também a humanidade passa a produzir novos objetos a partir daquele criado. Dessa forma, o ser social se distancia das barreiras naturais.

Neste processo, a marca da subjetividade humana está no objeto criado, fato que impulsiona o desenvolvimento humano e possibilita ao homem formar uma consciência de si. Assim, ele estampa suas ideias na realidade objetiva. Nesse sentido, destaca-se que “[...] A exteriorização é o momento de transformação da subjetividade sempre associada ao processo de transformação da causalidade, a objetivação”, (Lessa, 2016, p. 31). Nesse diapasão, a exteriorização é o resultado da interconexão da causalidade, do pôr teleológico e da prévia-ideação que se manifesta no ser social, mediado pela atividade do trabalho.

A partir do momento em que o objeto deixa de ser apenas uma ideia e se concretiza de forma real, como já mencionado, a objetivação do que foi planejado no pôr teleológico deixa de ser singular e se torna universal, compartilhado com toda a humanidade. Esse movimento transforma não só o espaço natural, mas também o próprio homem, tornando-o cada vez mais humanizado e distanciando-o das barreiras naturais.

Sob esse contexto, destaca-se que “O significado imediato do “afastamento das barreiras naturais” é a crescente diminuição da proporção do total de trabalho socialmente disponível a ser alocada na transformação direta da natureza [...]”, (Lessa, 2012, p. 32). Isso quer dizer que, quanto mais o trabalho se desenvolve, mais a humanidade acessa ferramentas que demandam menos esforço social para a sobrevivência.

Nas comunidades primitivas, necessitava-se de muito esforço para sobreviver. A partir da revolução neolítica, o trabalho cria a agricultura e à pecuária,

atividades que trouxeram uma disponibilidade maior de alimentos, permitindo que o ser social se desenvolvesse mais, tanto do ponto de vista biológico, pois esses indivíduos passaram a consumir uma alimentação mais rica e ficaram mais fortes, quanto no sentido social, na medida em que eles ganharam mais tempo livre, ocupando-se com outras atividades.

Nessa direção, percebe-se como o trabalho é central para o surgimento do ser social e, por meio das suas mediações, a humanidade conseguiu transformar o espaço natural, para aquisição de bens à sua sobrevivência, em espaço geográfico (produzido essencialmente pelo homem). Nesse intermédio, as objetivações idealizadas previamente enriqueceram a subjetividade humana, afastando-a das barreiras naturais.

A ONTOLOGIA DO ESPAÇO

O trabalho, enquanto atividade essencialmente humana, trouxe ao mundo uma série de objetos humanizados que, embora tenham base natural (como pedras, madeiras e minérios), estão dotados de cultura. O machado, por exemplo, em determinado momento histórico, possibilitou a produção do espaço com maior capacidade de sobrevivência humana. Essa técnica, elaborada a partir da madeira e da pedra lascada, apesar de ser constituída por elementos naturais, é produto do homem e possui uma função social.

Nesse sentido, o trabalho funda o mundo dos homens. Não existiria ser social, sem a atividade do trabalho. É mediado por ele que os humanos produzem e reproduzem a vida social, e os seus objetos são essenciais para a emergência de um espaço humanizado, que em um primeiro momento, possuía sua base exclusivamente natural. Como cita Santos (2014, p.93) “O espaço natural existe mesmo antes do homem, foi criado por uma sucessão de acontecimentos naturais. Após o aparecimento do homem, começa acontecer uma apropriação e transformação deste espaço [...]”, produzindo assim um espaço novo, fundado pelo ser social, mediado pela atividade do trabalho.

A partir da complexificação do trabalho, “A natureza conhece um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultado da cultura. Torna-se cada dia mais culturalizada, mais artificializada, mais

humanizada”, (Santos, 2014, p.97). Esse processo se expandiu com o avanço das técnicas produzidas pela atividade do trabalho.

Dessa forma, percebe-se a relação ontológica que o espaço possui com o trabalho. Santos (2014, p.91) cita que “O trabalho realizado pelo homem transforma a primeira natureza em segunda natureza e se dá através do trabalho humano guiado pela consciência social”. A capacidade exclusivamente humana de prévia-ideação possibilita ao ser social idealizar objetos necessários à sua sobrevivência, que por ocasião transforma o espaço, tornando-o cada vez mais humanizado.

Como afirma Santos (2006, p.43), “Toda criação de objetos responde a condições sociais e técnicas presentes num dado momento histórico. Sua reprodução também obedece a condições sociais”. Nessa perspectiva, Moreira (2007, p.68) destaca que “A reprodução só se realiza quando é reprodução total da sociedade”, ou seja, quando toda a sociedade se apropria do trabalho, das técnicas e dos objetos produzidos pela humanidade.

Contribuindo com a discussão, é interessante destacar que a produção do espaço ocorre de várias formas nas diferentes sociedades. Uma vez que, em cada momento histórico, o tipo de trabalho possui suas especificidades, atendendo aos interesses de cada grupo social, o que nem sempre ocorre de maneira compartilhada. Conforme Santos (2006, p.25) “No domínio das relações entre técnica e espaço, uma primeira realidade a não esquecer é a da propagação desigual das técnicas”.

Nessa perspectiva, observa-se a convivência de técnicas em diferentes graus de desenvolvimento, como, por exemplo, as técnicas agrícolas tradicionais e modernas em um mesmo território, resultando em um espaço desigual e multifacetado. Assim, entende-se que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois têm um papel na realização social, (Santos, 2014, p.31).

Nessa ótica, é importante destacar que o espaço está em constante mudança, e as suas transformações, observadas em cada período histórico, são diferentes, pois o trabalho apresenta novos elementos, se tornando cada vez mais

complexo, exigindo mais dos seres humanos. Assim, por meio das novas técnicas, observa-se a substituição das formas de trabalho por outras mais desenvolvidas; por isso, é fundamental, para a compreensão do espaço, conhecer os sistemas técnicos que foram produzidos pela atividade do trabalho, (Santos, 2014).

AS TÉCNICAS E O ESPAÇO

As técnicas são instrumentos que produzem, transformam e agem sobre o espaço; mediados por elas, os homens organizam os diferentes modos de produção social. Essas ferramentas se caracterizam como a principal forma de mediar a relação entre o homem e a natureza, ou melhor, o homem e o meio, (Santos, 2006).

Ao longo dos diferentes modos de produção social, as técnicas passaram a desempenhar um papel fundamental na formação do espaço geográfico. Nas sociedades primitivas, mesmo em um contexto marcado pela busca da sobrevivência, as técnicas desenvolvidas por meio do trabalho garantiram aos seres humanos acesso, ainda que limitado, aos recursos oferecidos pela natureza.

Esse período é caracterizado pela ciência geográfica como Meio Natural. Nesse estágio, os seres humanos retiravam da própria natureza os elementos essenciais para sua sobrevivência. Mediante o trabalho, os grupos sociais foram criando técnicas a partir dos recursos naturais disponíveis, permitindo-lhes apropriar-se desses recursos de forma mais eficiente e, assim, garantir sua subsistência, (Santos, 2006).

A produção do machado a partir de recursos naturais, como mencionado no texto, exemplifica uma técnica que permitiu novas formas de caça e de defesa contra animais que ameaçavam o grupo. Nesse sentido, “as técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza, com a qual se relacionavam sem outra mediação”, (Santos, 2006, p. 157). Assim, o ser humano utilizava diretamente os recursos naturais disponíveis para garantir sua sobrevivência. Essa conquista técnica contribuiu para ampliar as possibilidades de ocupação e de transformação do espaço, de acordo com as necessidades e condições de vida daquela coletividade.

As técnicas produzidas pelas sociedades primitivas, ainda que marcadas por um desenvolvimento limitado, permitiram ao ser humano transformar a natureza e ampliar o seu espaço habitado. Por meio dessas técnicas, tornou-se possível desbravar áreas até então não exploradas, bem como superar determinadas

limitações impostas pelo meio natural, iniciando um processo contínuo de transformação do espaço para atender às necessidades sociais. Conforme apresentado a seguir,

[...] o aproveitamento de peixes (nos quais incluímos também caranguejos, conchas e outros animais aquáticos) como alimento e com o uso do fogo. As duas coisas andam juntas, dado que o alimento à base de peixe só é plenamente aproveitável mediante o uso do fogo. Porém, com essa nova alimentação, os seres humanos se tornaram independentes do clima e da localidade; acompanhando os rios e as costas marítimas, puderam se espalhar pela maior parte da terra mesmo em estado selvagem. As ferramentas de pedra bruta, não polida, da fase inicial da Idade da Pedra, as chamadas ferramentas paleolíticas, que pertencem em sua totalidade ou em sua maior parte a esse período, constituem evidências dessas migrações em razão de sua difusão em todos os continentes, (Engels, 2018, p. 38).

A transformação do meio natural, a partir do trabalho, possibilitou ainda mais a ampliação das condições de sobrevivência dos grupos humanos. A partir dessa atividade fundante, os homens desenvolveram técnicas que permitiram uma apropriação mais eficiente dos recursos disponibilizados pela natureza, assegurando, assim, a subsistência e a reprodução dos diferentes grupos sociais, (Santos, 2006).

Nesse contexto, o espaço se desenvolve a partir da organização territorial resultante da relação entre o ser humano e o meio em que vive. Diante disso, duas técnicas produzidas ao longo da história se destacam por serem determinantes na construção de uma relação mais estável entre o homem e seu espaço: a descoberta do fogo e o desenvolvimento da agricultura, (Moreira, 2007):

O fogo é o dado seminal. O uso do fogo leva o homem a tornar-se um ser ubíquo na superfície terrestre. Com o fogo, ele aprende a controlar o meio (o fogo serve para o preparo dos alimentos e para o fabrico de armas e utensílios) e a dominar os territórios (serve para o ataque e a defesa, para iluminar o acampamento e para renovar a vegetação através da queimada). A agricultura é o dado integrador. Com a agricultura, o homem dá outra arrumação espacial à natureza (através da domesticação das plantas e dos animais) e assim cria os territórios (através da guarda organizada das provisões em silos e celeiros, da apropriação intencional dos solos e da água, do ordenamento dos caminhos e das localizações), (Moreira, 2007, p. 42).

Essas duas técnicas constituem importantes marcos históricos, pois proporcionaram aos seres humanos maior autonomia para expandir, demarcar e explorar novos espaços, rompendo parcialmente com os limites impostos pelas condições naturais. Ainda assim, é importante destacar que, em um primeiro

momento, tanto o domínio do fogo quanto o manejo da agricultura dependiam, em grande medida, das próprias condições naturais.

Dessa forma, evidencia-se que “A harmonia socioespacial assim estabelecida era, desse modo, respeitosa da natureza herdada, no processo de criação de uma nova natureza”, (Santos, 2006, p. 158). A utilização dos recursos naturais disponíveis não promovia grandes mudanças no espaço natural; o trabalho ainda era condicionado à sobrevivência, e o homem utilizava muita energia nessa atividade.

Com o advento da sociedade de classes, o espaço se torna mais complexo, permitindo o desenvolvimento de novas técnicas que ultrapassaram progressivamente a relação direta homem–natureza para se estruturar também a relação homem–homem. Nesse sentido, é importante destacar que “O trabalho realizado em cada época supõe um conjunto historicamente determinado de técnicas”, (Santos, 2006, p.34). Assim, a partir da superação do modo de produção primitivo, as técnicas produzidas pela atividade do trabalho possibilitaram que o espaço se constituísse como um conjunto indissociável de objetos geográficos, naturais e sociais, articulados por relações historicamente determinadas.

Nessa circunstância, constata-se que o espaço apresenta uma dependência ontológica em relação ao trabalho e que, ao longo de um extenso período da história da humanidade, essa atividade esteve predominantemente condicionada às necessidades de sobrevivência. Nesse contexto, a produção do espaço apenas passa a sofrer transformações mais significativas a partir do momento em que o ser humano se organiza socialmente em classes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa discussão ontológica acerca da centralidade do trabalho na produção do espaço oferece uma contribuição significativa para o campo da Geografia e para a formação de professores dessa ciência, pois amplia a compreensão dessa categoria para além das determinações impostas pela geografia tradicional. Nessa perspectiva, o texto demonstra que a gênese e o desenvolvimento do espaço ocorreram a partir do momento em que o ser social, por meio da atividade do trabalho, produziu técnicas

capazes de transformar e de se apropriar da natureza, em busca de garantir a sobrevivência e a reprodução social.

Dessa forma, espera-se que esse esforço intelectual de compreender o espaço a partir da ontologia do ser social contribua para o desenvolvimento de novos trabalhos acadêmicos no campo da Geografia, uma vez que essa ciência necessita fortalecer-se por meio de estudos que analisem as categorias em sua essência, isto é, para além da aparência imediata. Assim, ao aproximar o espaço da atividade do trabalho em seu sentido ontológico, o artigo possibilita uma compreensão mais rigorosa dessa categoria, apreendendo-a a partir das transformações sociais e históricas ao longo dos diferentes modos de produção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Emanuel Rodrigues. **O papel da produção social na gênese, no desenvolvimento e no dever do gênero humano**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Nélcio Schneider. Prefácio de Alysson Leandro Mascaro. Posfácio de Marília Moschkovich e Alysson Leandro Mascaro. São Paulo: Boitempo, 2018.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social**: Volume 14. Tradução de Sérgio Lessa; revisão de Mariana Andrade. Maceió, AL: Coletivo Veredas, 2024.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Laudenides Pontes. A geografia de corte marxista: Armando Correa da Silva e a teoria da geografia e lugar social. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 11, n. 2, p. 82-97, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>. Acesso em: 13 dez. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Edusp, 2014.

TONET, Ivo. **Método Científico**: uma abordagem ontológica. 2. Ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.